

LAUDATO SI' UNE JESUITAS E
FRANCISCANOS

■ PÁG.10

TEMPO DA CRIAÇÃO RENOVA
LAÇOS COM A CASA COMUM

■ PÁG.10

REPAM REALIZA
DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

■ PÁG. 25



INFORMATIVO DOS
JESUITAS DO BRASIL

EDIÇÃO 69
ANO 7
SETEMBRO 2020

Em companhia



**GRATIDÃO E
MISSÃO RENOVADA**

**Companhia de Jesus celebra 480 anos da aprovação oficial.
Momento oportuno para agradecer a Deus pelo caminho percorrido
e reafirmar o compromisso com a missão**

ESPECIAL PÁG. 11



Foto ©Vatican Media

A vida é missão

**Eis-me aqui,
envia-me** (Is 6,8)



Apoie para o cartaz



Assista e surpreenda-se!

Campanha Missionária 2020

Dia Mundial das Missões - Coleta Nacional - 17 e 18 de outubro
Pontifícias Obras Missionárias (POM) - Comissão Episcopal para a Amazônia (CNBB)



Pontifícias
Obras Missionárias



CNBB

*“Mãe, cubra-me
com teu manto
e faça com que
eu tenha coragem
e serenidade para
enfrentar os
desafios da vida.”*

NOSSA SENHORA DE APARECIDA

12 de outubro



6 EDITORIAL

- 480 anos de aprovação da Companhia de Jesus
Pe. Mieczyslaw Smyda, SJ

7 CALENDÁRIO LITÚRGICO

8 ENTREVISTA + PEREGRINOS EM MISSÃO

- Vocação missionária
Ir. Pedro Ernane Gomes, SJ

10 PROMOÇÃO DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

- Jesuítas e franciscanos se juntam pela Revolução Laudato Si'
- Um chamado a renovar os votos com a criação

11 ESPECIAL

- Para mais servir a Deus e à Igreja
- A fundação da Companhia de Jesus e os desafios que se renovam
Pe. Luís Corrêa Lima, SJ
- *Regimini militantis Ecclesiae*: Memória Histórica e Inspiração Apostólica
Pe. Roberto Barros Dias, SJ
- Da aprovação oficial da Companhia de Jesus à chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil
Carla Galdeano Candiotti
- Nóbrega e Anchieta: a contribuição jesuítica no alvorecer do Brasil
Paulo Roberto Pereira
- A Companhia de Jesus no Brasil na renovação e na quebra de paradigmas
Dimas da Cruz Oliveira
- Supressão e restauração da Companhia de Jesus
Pe. Carlos Alberto Contieri, SJ





24

AMÉRICA LATINA + CPAL

- A conversação espiritual
- Ajuda humanitária ressignifica o trabalho do SJPAM
- Encontro virtual da Rede de Solidariedade e Apostolado Indígena
- Discernimento da REPAM

26

NA PAZ DO SENHOR

- Pe. Francisco de Paula de Azevedo
Xavier Barbieri, SJ
- Pe. Manuel Eduardo Tomás Iglesias Rivas, SJ



EXPEDIENTE

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

COMUNICAÇÃO BRA

contato@jesuitasbrasil.org.br
www.jesuitasbrasil.org.br

DIRETOR EDITORIAL

Pe. Anselmo Dias, SJ

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Silvia Lenzi (MTB: 16.021)

REDAÇÃO

Cristiane Garcia Azevedo
Maria Eugênia Silva
Silvia Lenzi

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS

Érica Rodrigues
Luciana Mello

ESTAGIÁRIO

Wellerson Soares

COLABORADORES DA 69ª EDIÇÃO

Ana Ziccardi (Revisão)



Pe. Mieczyslaw Smyda, SJ
Provincial dos Jesuítas do Brasil

Nesta edição, o *Em Companhia* convida seus leitores a voltarem seus olhares para um fato histórico que completa 480 anos: a **Aprovação da Companhia de Jesus**. Assim, além de relembrar o que se passou no tempo de Inácio de Loyola, as páginas seguintes querem direcionar a atenção de seus leitores para o presente e o futuro da missão confiada aos jesuítas na Igreja e no mundo.

O ponto de partida dos artigos aqui escritos repousa no fato (e nas consequências) de Inácio de Loyola e seus companheiros terem se reunido em discernimento, entre março e junho de 1539, para deliberarem sobre o futuro daquele pequeno grupo que se dispôs a servir a Igreja como “esposa de Cristo”, em qualquer lugar que o Romano Pontífice a quisesse enviar. A decisão desses animados estudantes foi fundar uma Ordem religiosa e, por isso, continuaram se esforçando para chegarem a um acordo de como seriam as normas que iriam regular o funcionamento da nova Ordem. O resultado de um dedicado trabalho feito por Inácio foi apresentado, no início de julho do mesmo ano, em um documento redigido em cinco capítulos, os quais definiam a futura Companhia de Jesus. O texto foi acolhido, verbalmente, “vivae vocis oraculo”, por Paulo III, em 3 de setembro de 1539, e aprovado por meio da Bula *Regimini militantis*

480 ANOS DE APROVAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Ecclesiae de 27 de setembro de 1540, em um contexto da Reforma Protestante e da Reforma Católica.

O *Em Companhia* traz diferentes enfoques da presença, pós-1540, de Inácio de Loyola e de seus primeiros companheiros em um mundo marcado por mudanças de paradigmas sociais, políticos, culturais e religiosos, além de discorrer sobre a missão dos jesuítas ao longo dos séculos seguintes. Esta publicação é, portanto, um encontro de escritos sobre a Companhia de Jesus, apresentada, primeiramente, com um único perfil, que é ser “servidora de Cristo e de sua Igreja” e, segundo, em seus aspectos múltiplos, os quais a caracterizam como uma Ordem que abraçou uma missão de

séculos XVI e XX por meio da teologia, da educação, da arte, da linguística, da filosofia e das ciências (matemática, astronomia, biologia, etc) continuam, em pleno século XXI, ousando, com seus ministérios, servir à mesma Igreja que, hoje, está sob a liderança do Papa Francisco e anseia ser uma Igreja que, “remando em mar aberto, saia de si mesma rumo às periferias existenciais”.

A “visita” ao passado tem sua importância na medida em que nos faz compreender quem somos e aonde queremos chegar, por isso as leituras históricas dos autores “guias”, oferecidas aqui, contribuirão para um passo a mais no conhecimento sobre essa grande história de fé, construída

“ A “VISITA” AO PASSADO TEM SUA IMPORTÂNCIA NA MEDIDA EM QUE NOS FAZ COMPREENDER QUEM SOMOS E AONDE QUEREMOS CHEGAR, POR ISSO AS LEITURAS HISTÓRICAS DOS AUTORES “GUIAS”, OFERECIDAS AQUI, CONTRIBUIRÃO PARA UM PASSO A MAIS NO CONHECIMENTO SOBRE ESSA GRANDE HISTÓRIA DE FÉ”

dimensões locais – Comunidades, Obras e Províncias – e de dimensão universal, com sua presença nos “velhos e novos mundos” do Ocidente e do Oriente, por meio do ensino, na Europa, e pela catequese nas conquistas ibéricas. –

Os padres e irmãos da Companhia de Jesus que fizeram história entre os

em 480 anos, e proporcionarão que jesuítas e inacianos, colaboradores e colaboradoras na Missão, bebam da fonte - a Fórmula do Instituto - e se animem a continuar descobrindo caminhos e meios para “mais e melhor amar e servir”.

Boa leitura! ■

CALENDÁRIO LITÚRGICO
PRÓPRIO DA COMPANHIA DE JESUS

OUTUBRO



DIA 12
Nossa Senhora de Aparecida

DIA 3
São Francisco de Borja



DIA 13
Beato João Beyzym



DIA 19
São João Brébeuf
Santo Isasc Jogues e
Companheiros Mártires



DIA 21
Beato Diogo Luís
de San Vítores




DIA 21
Beato Diogo Luís
de San Vítores

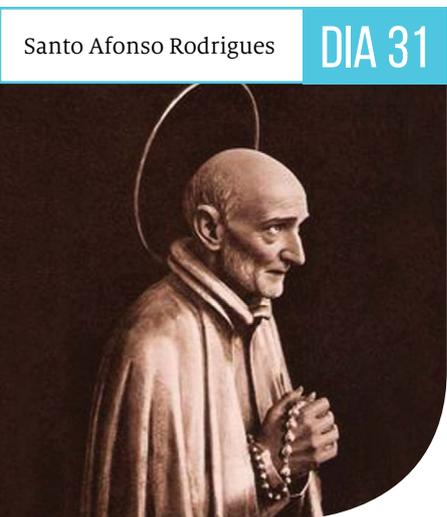
São Pedro Calungsod



DIA 22
Nossa Senhora da Graça Padroeira
do Noviciado da Província dos
Jesuítas do Brasil (BRA)



DIA 30
Beato Domingo Collins



Santo Afonso Rodrigues **DIA 31**



Ir. Pedro Ernane Gomes, SJ

VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

De família católica, Ir. Pedro sempre ouviu falar de Deus. Ainda criança, interessava-se pelas atividades pastorais da Igreja, porém foi, na adolescência, que começou a sentir um desejo – até então, inexplicável – de ser missionário. Era algo inusitado, pois ele ainda não sabia o que isso significaria. Mais tarde, ao conhecer a Companhia de Jesus, compreendeu que precisava avançar para águas mais profundas. Em entrevista ao *Em Companhia*, ele relembra um pouco dessa história.

► Conte-nos um pouco sobre a sua história.

Nasci numa cidadezinha do interior do Ceará chamada Aracoiaíba. Esse nome vem de um rio que atravessa o município e tem duas origens: Aracoiaíba ou Aracoaguaba, o primeiro vem do tupi-guarani e significa lugar do canto das aves e o segundo, lugar onde as aves gorjeiam. É importante ressaltar que a história da cidade se mistura à atuação dos jesuítas no processo de catequização dos índios que habitavam a região. De certa forma, o meu enamoramento pelos jesuítas começou por meio da ação evangelizadora dos missionários que passaram por essas terras.

Sou o sétimo de dez filhos de João Gomes e Maria Laurita. Meus pais se casaram em 1960, ou seja, este ano completaram 60 anos de vida compartilhada, experimentada com a graça de Deus. Passei minha infância e parte da juventude em Carnaúbas, depois, nos mudamos para Ideal, em Aracoiaíba. Confesso que foi um tempo muito difícil, porém vivido com intensidade, cheio de amor, de alegrias, de tristezas e de aventuras.

Desde criança, minha mãe me levava para as rezas do terço que aconteciam nas famílias vizinhas, isso me enchia de alegria, tanto que, aos 11 anos, fiz a Primeira Eucaristia e, logo, comecei ajudar na catequese. Engajado nas atividades pastorais, às vezes, ou-

via as pessoas me chamarem de padre, mas não gostava. Me recordo de que, quase todos os anos, íamos para a festa de São Francisco das Chagas, em Canindé (CE). Eu ficava encantado com as vestes dos romeiros que iam a caráter pagar suas promessas. Sempre tive uma devoção especial a São Francisco.

► Como conheceu a Companhia de Jesus? Por que decidiu ser jesuíta?

Certa vez, o padre da minha Paróquia me convidou para um processo vocacional, cheguei a participar de alguns encontros, mas senti que não era o momento oportuno, precisava amadurecer. Inquieto, buscava uma causa que desse sentido à minha existência, planejava lutar por um mundo mais justo e igualitário. Para isso, me inspirava nos ideais de meu pai, que vive para ajudar os outros. Por estar sempre envolvido nas atividades pastorais, sentia o desejo de ser missionário, sem nem saber o que significaria isso.

Quando concluí o Ensino Médio, tinha o sonho de cursar faculdade, porém, onde morava, não havia como continuar meus estudos. Então, resolvi viver com meu irmão em Fortaleza (CE). Comecei a trabalhar, porém ganhava muito pouco, mal dava para pagar as contas, mas queria ser independente, ir em busca dos meus sonhos.

Na época, participava da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro,

era catequista e ministro extraordinário da comunhão. Percebia algo diferente na ação pastoral desenvolvida na paróquia e, depois de certo tempo, fiquei sabendo que os jesuítas eram os responsáveis pela sua administração. Certo dia, conversando com um jovem da minha comunidade, recebi um encarte sobre as etapas de formação dos jesuítas e fui questionado se queria fazer uma visita ao Centro Vocacional para conhecer a Ordem religiosa.

No dia seguinte, fui com ele até lá e “dei de cara” com o Pe. Luiz Araújo Júnior, que conheci nas missas e sempre me chamava para ir ao Centro Vocacional, mas eu sempre inventava uma desculpa e nunca aparecia. Quando me viu, ficou surpreso e perguntou: “o que fazes aqui?”. Fiquei superenvergonhado. Ele, então, me apresentou aos jovens vocacionados que me acolheram muito bem.

Naquele mesmo ano, fiz o acompanhamento vocacional para discernir se, realmente, aquilo que eu buscava para minha vida era da vontade de Deus. No ano seguinte, fui convidado a fazer uma experiência em Teresina (PI). Creio que o mais difícil foi falar para minha família que, até então, não sabia que eu estava fazendo um processo de discernimento.

Passei alguns dias pensando e tive a coragem para falar, meu pai disse “você está ficando louco? Deixar sua família, amigos e trabalho?”. Entendi

sua preocupação, porém minha mãe e minhas irmãs disseram: “se é para sua felicidade, vá em frente”. Em 2005, chegou o esperado dia, minha mãe e minha irmã me levaram até a comunidade, pois, à tarde, viajaria para Teresina. Ainda me lembro quando elas saíram, não contive o choro, parecia que eu estava deixando um pedaço de mim, mas senti uma forte moção interior, “avance para as águas mais profundas” (Lc 5,4).

► **Quais as experiências mais marcantes que o senhor vivenciou durante sua formação como jesuíta?**

A experiência de morar em outra cidade, aprendendo a viver um estilo de vida de comunidade com pessoas de outros lugares, apesar das nossas diferenças, o que nos unia era o mesmo ideal, conhecer o Cristo amigo para mais amá-lo e segui-lo. Foi aí que me dei conta do que é ser jesuíta, homens movidos por uma profunda gratidão e amor a Cristo, reconhecendo-se pecador, mas reconciliados pela misericórdia de Deus. Aqui está o cerne da espiritualidade inaciana que me fez sair de mim para ir ao encontro dos outros em vista do bem mais universal. Aquele ideal de vida que, até então, estava na minha memória afetiva, que sonhava em ser missionário, foi se concretizando.

Durante a minha formação no Noviciado, em Feira de Santana (BA), vivi experiências que me tornaram a pessoa que sou hoje. A primeira foi uma profunda experiência com os Exercícios Espirituais de 30 dias, que me levou a ser conduzido pela ação do Espírito para uma verdadeira entrega da vida a partir de um encontro pessoal com Jesus. Esse encontro da criatura com o Criador me iluminou a elaborar o meu projeto de vida à luz do evangelho, que me fez compreender qual o princípio que regia a minha vida para buscar e realizar a vocação para qual fui criado: testemunhar com alegria as maravilhas de Deus e em tudo amar e servir.

A segunda experiência foi no trabalho voluntário em um hospital psiquiátrico e no hospital geral. Foi quando,

realmente, vi e senti a dor do Cristo irmão no rosto de tantos necessitados. O sentimento era de impotência diante da situação de degradação humana, não podia fazer muita coisa, simplesmente acompanhar o sofrimento de tantos irmãos e ser presença.

A terceira experiência foi de peregrinação, em que saí de Oeiras (PI) a Juazeiro do Norte (CE). Foram cerca de 13 dias de caminhada, da qual tirei bom proveito: primeiro, uma certeza de que Deus nunca desampara ninguém; depois, um Deus que vai se revelando nos rostos de tantas pessoas generosas que estenderam suas mãos para acolher um “estrangeiro”.

Por fim, em 24 de janeiro de 2009, fiz a profissão dos primeiros votos perpétuos a Deus por meio da Companhia de Jesus. Após os votos, segui para o Juniorado em João Pessoa (PB), experiência que me ajudou a assumir, com firmeza, a vocação e a me integrar ao Corpo Apostólico da Companhia.

► **Como a sua formação em Serviço Social pode agregar ao trabalho pastoral?**

Em 2010, fui cursar Serviço Social na Universidade Católica de Salvador, na Bahia e passei a colaborar na missão em uma comunidade apostólica em dispersão, onde fiquei por nove anos trabalhando no Colégio Antônio Vieira, a princípio, como pastoralista e, depois, como assistente social, o que me deu experiência técnica para intervir, de forma efetiva, nas realidades sociais.

► **Atualmente, o senhor coordena o Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social. Fale-nos sobre o seu trabalho.**

No final de 2019, fui destinado para coordenar o Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social de Cascavel (PR). Para contextualizar, o CJCIAS desenvolve o Programa de Promoção da Integração ao Mundo do Trabalho e tem como foco a mulher na complexidade das suas relações de gênero, familiares, sociais e de trabalho. Uma das metas é promover o acesso aos direitos, contri-

buir para melhoria da qualidade de vida, fortalecendo o exercício da cidadania e a integração ao mercado de trabalho. Além disso, acompanho atividades com a juventude e vocações, fico feliz em poder ajudar os jovens a elaborar seus projetos de vida e a proporcionar uma experiência com os Exercícios Espirituais.

► **Em tempos de pandemia e já pensando também no pós-pandemia, quais os principais desafios da sua missão?**

Confesso que a pandemia desestabilizou todos nós, fomos surpreendidos e forçados a reinventar as nossas ações. Em relação ao CJCIAS, tivemos que suspender as atividades visto que boa parte do nosso público se encontra em situação de risco, porém aproveitamos esse tempo para capacitar nossos colaboradores.

Já o trabalho com a juventude está sendo feito de forma virtual. Só nesse tempo de pandemia, realizamos um retiro temático de 30 dias sobre o silêncio e desenvolvemos, em parceria com a Pastoral da Juventude Nacional, uma atividade sobre projeto de vida para jovens.

Creio que, no pós-pandemia, não teremos tantas mudanças, a vida tem que seguir, o bonito do ser humano é a sua capacidade de ser resiliente e de recomeçar sempre. O sentir-me desafiado me faz viver e encarar a vida com mais ânimo e confiança, pois não estou sozinho, conto sempre com a graça de Deus e a colaboração dos que partilham da mesma missão. Concluo essa peregrinação com um trecho da versão de Rita Lee para a música *In My Life* (Minha vida), dos Beatles:

Tem lugares que me lembram minha vida, por onde andei as histórias, os caminhos o destino que eu mudei cenas do meu filme em branco e preto que o vento levou e o tempo traz entre todos os amores e amigos de você me lembro mais. ■

JESUÍTAS E FRANCISCANOS SE JUNTAM PELA REVOLUÇÃO LAUDATO SÍ'



Inspirados pela encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, pelo Documento Final do Sínodo Panamazônico e pela Exortação Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, franciscanos(as) e jesuítas presentes no Brasil decidiram se juntar para empreender reflexões e ações voltadas à luta pela justiça socioambiental, contra toda forma de exploração e de desigualdade socioeconômica, contra toda expressão de racismo, em defesa dos povos indígenas e da democracia.

A união das ordens religiosas se insere em um movimento internacional – a *Laudato Si' Revolution* – e se reveste de grande simbolismo por aproximar os carismas e as forças dos dois grandes santos fundadores: Francisco e Inácio. O Papa é figura central nessa união porque personifica os dois: por ser jesuíta e por escolher o nome de Francisco.

A proposta é uma revolução que incorpora uma profunda mudança de paradigma no relacionamento com a Terra, nossa *Casa Comum*; em defesa dos pobres e excluídos, concebendo-os como interlocutores e não apenas destinatários; em defesa dos povos indígenas e de outras minorias; em defesa da democracia e contra todo tipo de autoritarismo.

Para marcar o lançamento dessa união entre franciscanos/as e jesuítas, será realizado um webinar no dia **30 de setembro, às 20h**, com a presença do teólogo Leonardo Boff e da teóloga Maria Clara Bingemer, que apresentarão, alicerçados, respectivamente, na espiritualidade franciscana e inaciana, os fundamentos inspiradores desse encontro simbólico entre as duas tradições. A mediação será da antropóloga Moema Miranda, assessora da Comissão Especial de Ecologia Integral e Mineração da CNBB e da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM-Brasil).

As inscrições podem ser feitas na página do Facebook @revolucaolsbrasil ■

UM CHAMADO A RENOVAR OS VOTOS COM A CRIAÇÃO

O sexto ano do Dia Mundial da Oração pelo Cuidado da Criação, instituído pelo Papa Francisco como um chamado à união em prol da Casa Comum, soma-se aos graves problemas do cenário atual, propondo reflexões sobre os rumos da humanidade.

O Tempo da Criação é um convite para regressar a Deus, sem o Qual é impossível restabelecer a harmonia com a Casa Comum, e renovar os laços uma vez perdidos e esquecidos. Obedecendo o compromisso de ser ponte para o caminho do Senhor, a Companhia de Jesus se faz presente nas alianças que têm se formado para contribuir com os esforços. Recentemente, no Brasil, uniram forças aos franciscanos pela Revolução *Laudato Si'*, com o intuito de promover ações voltadas à luta pela justiça socioambiental, ao combate a formas

de exploração e desigualdade socioeconômica, contra expressão de racismo e em defesa dos povos indígenas e da democracia.

A pandemia causada pelo coronavírus acentuou graves problemas sociais que afetam, sobretudo, os mais vulneráveis. O mundo tem sofrido os impactos de estilos de vida que levam o planeta ao limite. A busca incessante pelo enriquecimento, pelo consumo e pela produção tem exigido, ao extremo, do meio ambiente e contribuído para transformações irreversíveis. O Brasil, atualmente, é acometido por uma desastrosa catástrofe que mobilizam os olhares de todos os povos: as queimadas no Pantanal e na Amazônia. Por isso, hoje, mais do que nunca, orientados pelas Preferências Apostólicas Universais, somos chamados a colaborar com as mudanças para o bem-viver.

Na mensagem para o Dia Mundial da Oração pelo Cuidado da Criação, o Santo Padre ressaltou a necessidade de ouvir a voz da Terra, que incita, alarmada, a “regressar ao lugar certo na ordem natural das coisas, lembrando-nos de que somos parte e não donos”. Além disso, Francisco chamou atenção para a importância da mudança de comportamento.

“Devemos examinar nossos hábitos no uso da energia, no consumo, nos transportes e na alimentação. Devemos retirar, das nossas economias, aspectos não essenciais e nocivos, e criar modalidades vantajosas de comércio, produção e transporte dos bens”, disse Francisco, salientando o significado do tema dado à mensagem (Jubileu da Terra). Na bíblia, o Jubileu é um tempo sagrado para recordar, regressar, repousar, restaurar. ■



ESPECIAL

PARA MAIS SERVIR A DEUS E À IGREJA

Em comemoração aos 480 anos da Aprovação Oficial da Companhia de Jesus, celebrado no último dia 27 de setembro, o informativo **Em Companhia** preparou uma edição especial para contar um pouco mais sobre os quase cinco séculos de história, desde a aprovação, a chegada dos jesuítas às terras brasileiras, a supressão, até a “restauração” da Ordem religiosa.

Presente em mais de 100 países, a Companhia de Jesus sempre se destacou pela intensa atividade missionária e apostólica, indo às periferias e às fronteiras existenciais da humanidade. Atualmente, a Ordem religiosa conta com cerca de 16 mil jesuítas — padres, irmãos, escolásticos e noviços em todo o mundo —, que dão continuidade à obra iniciada por Santo Inácio de Loyola e os primeiros companheiros. A comemoração insere-se nas preparações do Ano Inaciano, que será celebrado entre 20 de maio de 2021 e 31 de julho de 2022.

A Companhia nasceu de um grupo de estudantes da Universidade de Paris — Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Pedro Fabro, Afonso Bobadilha, Diogo Laínez, Afonso Salmerón e Simão Rodrigues — que, em 15 de agosto de 1534, na Capela de Montmartre em Paris (França), fizeram votos de dedicarem-se ao bem dos homens, imitando Cristo, e de peregrinar a Jerusalém; caso não fosse possível, iriam apresentar-se ao Papa, com o objetivo de colocarem-se à disposição do Santo Padre. Um ano depois, uniram-se a eles: Claudio Jayo, Pacasio Bröet e Juan Codure.

Em 27 de setembro de 1540, por meio da bula *Regimini militantis Ecclesiae*, o Papa Paulo III aprovou oficialmente a Companhia de Jesus como uma Ordem religiosa e, em 1541, Inácio de Loyola foi eleito o primeiro Superior Geral da Ordem, passando a viver em Roma (Itália).

Tanto no presente como no passado, a Companhia preocupa-se com as necessidades da Igreja e do mundo e procura agir nas mais diversas frentes de trabalhos apostólicos (espiritualidade, promoção social, diálogo intercultural e inter-religioso, serviço da fé e promoção da justiça).

Nesse contexto, em 2019, a Ordem religiosa promulgou as suas quatro preferências apostólicas universais para os próximos dez anos. Elas são a resposta da Companhia às necessidades do mundo e da Igreja:

- 1) **Mostrar o caminho para Deus por meio dos Exercícios Espirituais e do discernimento.**
- 2) **Caminhar com os pobres, os descartados do mundo e os vulneráveis, em sua missão de reconciliação e justiça.**
- 3) **Acompanhar os jovens na criação de um futuro promissor.**
- 4) **Colaborar no cuidado da Casa Comum.**

Em uma sociedade marcada por mudanças profundas, as preferências são estabelecidas “por meio da análise sociopolítica, da reflexão teológica e pastoral e do discernimento”.

Celebrar a Aprovação Oficial da Companhia de Jesus é, também, fazer memória de uma caminhada secular e resgatar os fatos que marcaram a história da Companhia e do mundo em suas respectivas épocas. Confira, a seguir, a série de artigos escritos por jesuítas, historiadores e especialistas para esta edição do **Em Companhia**.





A FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS E OS DESAFIOS QUE SE RENOVAM

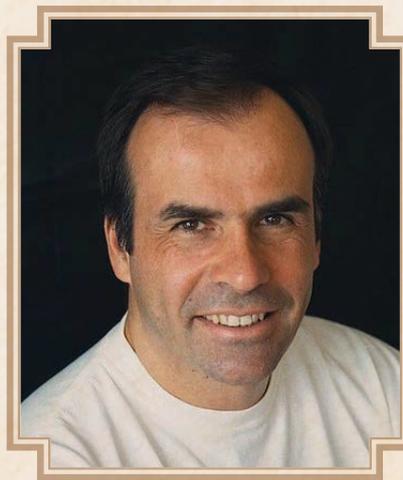


Pe. Luis Corrêa Lima, SJ

HISTORIADOR E PROFESSOR DA PUC-RIO

Neste ano, completam-se 480 anos da fundação da Companhia de Jesus. Revisitar o tempo do seu surgimento é manter viva a memória da fidelidade criativa em sua origem, que tem um valor permanente. Ao mesmo tempo, é dar-se conta de permanências e mudanças que constroem a trama da história. O século XVI foi a época da efervescência das grandes navegações, da primeira volta completa ao mundo feita em caravela, da colonização e da expansão mundial do cristianismo. Ao mesmo tempo, foi uma época de muitas convulsões sociais, guerras e transformações.

No mundo religioso, havia um humanismo cristão baseado nas Escrituras e nos padres da Igreja, e uma devoção inspirada pelos ideais do cristianismo primitivo. Mas também havia um grande mal-estar com os volumo-



sos impostos da Igreja. Era urgente se enfrentar a ignorância e a decadência do clero, bem como o acúmulo de salários eclesiásticos por certos indivíduos e o nepotismo. Surgiram associações leigas que cuidavam de doentes, como as Santas Casas, novas ordens religiosas e reformas das já existentes. Os tempos modernos traziam consigo a

valorização da subjetividade e mais autonomia do indivíduo. No mundo protestante, isso levou à rejeição da hierarquia religiosa como mediadora entre Deus e os fiéis. No mundo católico, algumas correntes religiosas valorizavam a interioridade na relação com Deus, entre as quais, os Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola.

A Companhia de Jesus surge como uma ordem de clérigos regulares, isto é, de presbíteros que têm vida em comum e normas próprias que os regem, aprovadas pela Igreja. A regra dos jesuítas, aprovada em 1540, diz que a sua missão é a propagação da fé. A segunda versão da regra, de 1550, traz algumas modificações: a sua missão é a defesa e a propagação da fé. A novidade se deve ao Concílio de Trento, que começou em 1546, com o propósito de reformar a Igreja Católica e combater o protestantismo. A Ordem recém-fundada se de-



dicou à pregação, aos sacramentos, à difusão dos Exercícios Espirituais, à teologia e a outras ciências, às missões fora da Europa, com os não cristãos, à formação do laicato e do clero.

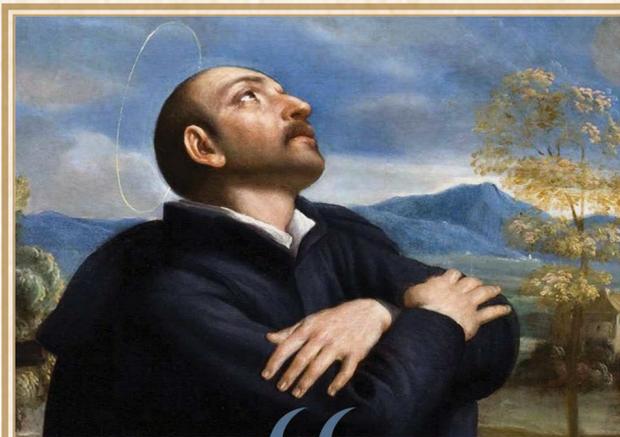
Como ordem religiosa, algumas novidades institucionais são introduzidas. Além dos votos de pobreza, castidade e obediência, os jesuítas fazem um quarto voto de obediência especial ao Papa, relativo às missões, com o objetivo de favorecer a índole missionária da Ordem. Outra novidade é em relação à liturgia das horas em comum, o chamado coro, no qual, em horas determinadas do dia, todos os membros de uma comunidade religiosa devem estar presentes para oração. Os jesuítas a fazem em particular, podendo organizar melhor o seu tempo em função do apostolado.

Já no primeiro século de existência da Ordem, as missões levaram os jesuítas aos quatro cantos do mundo, do Japão ao Peru. No Brasil e em outros países, línguas de seus povos originários, até então somente orais, foram fixadas por escrito com gramáticas e textos de catequese.

Costumes, música, procissões e teatro eram criados e adaptados em função da evangelização de indígenas e de outros povos. Igrejas barrocas e colégios foram construídos em muitos países. Criou-se um padrão de educação marcado por autores clássicos, matemática, filosofia e iniciação cristã. A formação do clero diocesano em seminários e centros de estudo também fez parte da missão da Companhia. Vários jesuítas se destacaram nas ciências, como o astrônomo e matemático Cristóvão Clávio, criador do calendário atual com ano bissexto, o chamado calendário gregoriano; e, na teologia, como Francisco Suares e Roberto Bellarmino.

Olhando para esse passado, o Papa Paulo VI disse: “onde quer que na Igreja, nos campos mais difíceis e de vanguarda, nas encruzilhadas das ideolo-

gias e nas trincheiras sociais, tenha havido e haja o confronto entre as exigências ardentes do homem e a mensagem perene do Evangelho, lá estiveram e estão presentes os jesuítas”. Ele captou essa marca da história bem presente desde o início. Muitos anos depois, o Papa Bento XVI recordou essas palavras



O amor a Cristo, transmitido por Santo Inácio de Loyola nos Exercícios Espirituais e nas Constituições da Companhia de Jesus, é o principal fio condutor de toda esta história”.

de seu antecessor aos jesuítas e acrescentou: “a Igreja tem necessidade de vós, conta convosco e continua a dirigir-se a vós com confiança, de modo particular para chegar àqueles lugares físicos e espirituais onde os outros não chegam ou têm dificuldade de chegar”.

A missão da Ordem é, portanto, dinâmica, pois as encruzilhadas ideológicas e as trincheiras sociais modificam-se e se deslocam, juntamente com os grandes desafios de cada época. Alguém que esteve à altura desses desafios foi o Superior Geral dos jesuítas no tempo de Paulo VI, o padre Pedro Arrupe, exercendo essa função de 1965 a 1981, quando se afastou por motivo de saúde. Ele foi um dos grandes transmissores da mensagem do Concílio Vaticano II, do qual participou como ouvinte na última etapa, no outono de 1965, logo após sua

eleição como Superior Geral. Arrupe ficou claramente marcado por essa vivência, da qual extraiu uma forte vontade de retorno ao Evangelho. Imediatamente, trabalhou para uma Igreja dos pobres, de irmãos, para uma Igreja no mundo e para o mundo, essencialmente missionária. Ele procurou comunicar isso, primeiramente, aos jesuítas, e também a uma multidão de religiosos e de religiosas, sobre os quais teve notável influência. Durante todo o seu generalato, Arrupe foi presidente da conferência dos superiores gerais das congregações masculinas, dando à animação desse grupo muito de seu coração e de seu tempo, sempre na linha do Concílio. Muito contribuiu com fidelidade criativa para a sua implementação. Entre outras iniciativas importantes, fundou o Serviço Jesuíta aos Refugiados, hoje, presente em dezenas de países, atendendo milhares de pessoas.

No final de 2018, teve início o seu processo de beatificação e canonização, no qual consta que Arrupe se consagrou à causa do Reino de Deus, professando sua fé e

promovendo a inculturação no campo da evangelização. Sua vida está repleta de gestos de caridade, amor à Igreja e fidelidade ao Papa. Deixou-se guiar pela sabedoria e pela liberdade que vem do Espírito Santo. Foi atento observador dos sinais dos tempos, bem como profeta da renovação conciliar.

Ao completar 480 anos da fundação da Companhia de Jesus, a Igreja Católica tem o primeiro Papa jesuíta: Francisco. No seu empenho por uma Igreja em saída, que vá às periferias existenciais, encontra-se o eco dos Papas aos jesuítas, convocando-os a irem às encruzilhadas ideológicas e às trincheiras sociais. O amor a Cristo, transmitido por Santo Inácio de Loyola nos Exercícios Espirituais e nas Constituições da Companhia de Jesus, é o principal fio condutor de toda esta história. ■



REGIMINI MILITANTIS ECCLESIAE: MEMÓRIA HISTÓRICA E INSPIRAÇÃO APOSTÓLICA

Pe. Roberto Barros Dias, SJ

JESUÍTA E HISTORIADOR



Há inúmeras maneiras de iniciarmos uma narrativa sobre a história da Companhia de Jesus. Nesta edição, o *Em Companhia*, como forma de ressaltar parte dessa história, traz à lume a celebração dos 480 anos da Aprovação da Companhia de Jesus. Essa comemoração se insere nas preparações do Ano Inaciano, a ser igualmente celebrado de 20 de maio de 2021, festa do ferimento de Inácio em Pamplona, a 31 de julho de 2022.

A Companhia de Jesus, projetada por Inácio de Loyola e seus primeiros companheiros, desponta em um cenário desafiador para a Igreja e para a sociedade. A primeira metade do século XVI, na Europa, testemunhou uma cadeia de acontecimentos conflituosos causados por alterações na economia, nas hegemonias políticas e nas cosmovisões que impulsionaram mudanças nas instâncias de governança com impactos nas instituições religiosas, sobretudo, na Igreja Católica. Os reinos ibéricos, Portugal e Espanha, com as expansões marítimas, ampliaram suas riquezas e seus poderes frente a outros Estados e alargaram suas forças como patronos do cristianismo católico, ameaçado pela ampliação do islamismo, no Leste e na região do Mar Arábico, e pela militância dos reformadores protestantes em reinos antes católicos.

A resposta da Igreja aos desafios que a ela se antepunham no despontar do mundo moderno consistiu em se reformar no intuito de se fortalecer, incluindo, para isso, a convocação do Concílio de Trento (1545-1563), que a

favoreceria no redirecionamento teológico, nas alterações litúrgicas e na reparação de algumas práticas como instituição religiosa, em especial, nas ordens religiosas consideradas emblemáticas, como os Beneditinos, os Agostinianos e os Franciscanos. Nesse contexto de reforçar sua presença e identidade, a Santa Sé, em um período de 16 anos, autorizou a fundação de três novas ordens: Teatinos (1524), Barnabitas (1533) e a Companhia de Jesus (1540). Assim, o projeto de Inácio de Loyola se concretizou em sintonia com o novo movimento da Reforma Católica.

O grupo dos dez fundadores¹, entre junho e julho de 1539, apresentou ao Papa Paulo III um esboço do que seria a Fórmula do Instituto. Esse escrito era composto por pontos identitários da missão prevista para o novo instituto religioso: “instituída, principalmente, para o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristã e para a propagação da fé”. Nesse texto, conhecido como *Os Cinco Capítulos*, estava contido o espírito apaixonado de quem quer, em profunda comunhão com a Igreja, se

entregar de forma radical ao serviço da fé em meio às turbulências do século XVI.

“[...] nos obrigamos a seguir tudo aquilo que o atual e os outros Romano Pontífices ao tempo existentes mandarem, para proveito das almas e propagação da fé. E assim fiquemos obrigados, quanto estiver na nossa mão, a ir sem demora para qualquer região aonde nos quiserem mandar, sem qualquer subterfúgio ou escusa, quer nos enviem para entre os turcos ou outros infiéis, que habitam mesmo que seja nas regiões que chamam Índias, quer para entre hereges ou cismáticos, quer ainda para junto de quaisquer fiéis”².

Paulo III mostrou-se receptivo ao prospecto do texto que trazia uma série de novidades: eles prometiam se alistarem em um serviço militante por Deus “sob o estandarte da cruz”; serem liderados por um Superior geral e perpétuo; sublinharam que intencionavam ser uma Ordem, essencialmente, de missionários e não uma Ordem contemplativa, explicitando que desenvolveriam atividades “para a propagação da fé por meio de pregações, do ministério da palavra de Deus, dos Exercícios Espirituais e das obras de caridade [...], bem como por meio de Confissões”³ na Europa ou no além-mar. Na Fórmula⁴, eles se com-

¹ *Ínigo de Loyola, Francisco Xavier, Pedro Fabro, Diogo Laínez, Afonso Salmerón, Nicolau Bobadilha, Simão Rodrigues, Cláudio Jayo, Pascásio Broet e João Codure.*

² *Regimini militantis Ecclesiae, - Fórmula do Instituto, 1540.*

³ *Cf. Ibidem*

⁴ *Autor se refere ao documento original, que está escrito em latim*



prometeram de forma solene que, além dos votos de pobreza, de castidade e de obediência, seus membros, depois de uma segura qualificação, professariam um voto de obediência ao Pontífice Romano, em vista à missão da Igreja.

A essas distinções somavam-se outras características que não se encontravam nas Ordens já existentes, por exemplo: os jesuítas não usariam hábitos religiosos específicos, manteriam seus nomes de família, substituiriam as penitências corporais – próprias das Ordens monásticas – por uma eficaz ação pastoral e por mais estudos e não seriam obrigados a cantar o ofício no coro, três vezes ao dia, para assim poderem estar mais disponíveis para seus ministérios.

No entanto, a acolhida entusiasta do Papa Paulo III aos *Cinco Capítulos* não foi compartilhada por muitos membros de sua Cúria, alguns cardeais se opuseram e questionaram as novidades propostas. A questão central levantada era se uma nova Ordem, que pretendia ser não convencional, traria credibilidade ou fragilizaria, ainda mais, a Igreja já em apuros e com necessidade de centralidade e fortalecimento de estruturas. Mas, apoiado por outro grupo de cardeais e por agentes de diferentes cortes, Paulo III sentiu-se encorajado à aprovação.

Finalmente, depois de Inácio ter sido bem-sucedido no uso do capital social e eclesial que ele dispunha e aceitar fazer leves mudanças na versão da *Formula* apresentada, o cardeal Bartolomeo Guidiccioni, vigário de Roma e prefeito do Tribunal de Assinatura da Justiça, aconselhou Paulo III a acolher a nova Ordem. Um ano depois da primeira apresentação, em 27 de setembro de 1540, Paulo III aprovou a Companhia de Jesus por meio da Bula *Rigimini Militantis Ecclesiae*, a qual contemplava os Cinco Capítulos, proferindo a frase: “*Digitus Dei hic*” (“Aqui está o dedo de Deus”).

* INSPIRAÇÃO APOSTÓLICA EM 2020

A Bula *Rigimini Militantis Ecclesiae* foi revisada e ampliada por meio da Carta Apostólica *Exposcit debitum*, assinada pelo Papa Júlio III, em 21 de julho de 1550, quando foi reafirmada a pertença e a licença de atuação oficial dos jesuítas

dentro da Igreja⁵. A Fórmula do Instituto, como documento fundante, aprovada pelo Papa Paulo III e confirmado pelo Papa Júlio III em 1540 e 1550, respectivamente, é o estatuto da Companhia de Jesus que vigora até hoje. O documento contém os propósitos para os quais a Companhia foi fundada e delinea os meios a serem usados para que esses propósitos sejam alcançados. Para fazer alguma alteração na Fórmula do Instituto, a Companhia deverá estar segura de que tal alteração não irá servir de obstáculo ou se opor a quaisquer pontos relevantes da Bula, além disso, só poderá ser feita alguma alteração mediante uma apelação e avaliação da Santa Sé.

A vitalidade da Fórmula do Instituto e a sua prerrogativa de norteadora da Companhia, mesmo que não tenha sido modificada desde o século XVI, tem sido constantemente visitada e examinada, em especial, pelas Congregações Gerais, evento que reúne jesuítas de todas as Províncias e oportunidade para se lançar um olhar sobre a missão da Companhia no mundo, em uma perspectiva de *aggiornamento* caracterizado por uma “fidelidade criativa” às suas origens e por um discernimento que possa apontar novos rumos a seguir e novas opções apostólicas a serem assumidas por todos os jesuítas.

A 32ª Congregação Geral, convocada por Pe. Pedro Arrupe, foi um marco de fidelidade aos intentos presentes na fundação da Ordem e, ao mesmo tempo, um salto qualitativo que deu nova identidade e novo propósito à missão, bem como redefiniu o papel dos jesuítas no século XX. Os dois propósitos medulares da Fórmula do Instituto de 1540, “*aperfeiçoamento das almas na vida e doutrina cristãs*” e o “*para a propagação da fé*”, inspiraram o novo espírito do apostolado da Companhia expresso, sobretudo, no Decreto 4 da 32ª CG, que afirma: “A missão da Companhia de Jesus, hoje, é o serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta”, 1975. Um grande legado da CG 32ª e do Padre Geral que a presidiu foi que “a fé religiosa, para ser verdadeiramente evangélica, tinha que ser forte na promoção da justiça e na oposição à injustiça, à

opressão e aos males sociais tais como a pobreza, fome e todas as formas de discriminação racial⁶.”

Na esteira da “fidelidade criativa”, a 36ª Congregação Geral, 2016, inspirada no “*aperfeiçoamento das almas na vida e doutrina cristãs*”, entendeu que esse aperfeiçoamento e doutrina animam a Companhia a escutar o chamado que, hoje, Deus faz diante do clamor dos povos da terra por uma vida mais humana, para essa compreensão, quanto mais humanizada a pessoa for, mais aperfeiçoada sua alma estará. Pe. Arturo Sosa, 31º sucessor de Inácio, afirmou que a 36ª CG foi uma experiência de discernimento comunitário alimentada pela oração pessoal, pela Eucaristia e pelo fraterno diálogo com o Papa Francisco, discernimento que muito contribuiu para que a Congregação estreitasse a relação entre vida-missão e impulsio-nasse toda a Companhia a continuar encarando com “veracidade a promoção da justiça como exigência da nossa fé, por meio da busca da reconciliação em todas as suas dimensões”.

Hoje, 480 anos da aprovação da Companhia de Jesus, os jesuítas e todos que se juntam a estes em um único Corpo Apostólico, unidos em e com Cristo⁷, compreendem que a sua vida/missão – em comunidades e obras – deve se identificar e se traduzir em renovadas e fervorosas atividades apostólicas que “promovam a reconciliação com Deus, com a humanidade e com a criação. Essa experiência fundante da misericórdia de Deus foi sempre fonte da audácia apostólica que se tornou marca da Companhia, e que devemos preservar.”⁸ “*Digitus Dei hic*”! ■

⁵ Uma vez instituída e confirmada a *Formula*, estava dada na mesma Carta Apostólica, 1550, a autorização da elaboração das *Constituições da Companhia de Jesus*. Cabia a Inácio de Loyola, eleito o Primeiro Superior Geral, essa importante tarefa. Ele iniciou os trabalhos e, em seguida, contou com assistentes e conselheiros como Pe. Juan Polaco e Jerónimo Nadal. Depois de vários esboços, rigorosa elaboração e pormenores das estruturas de governo e orientações para a missão As *Constituições* são aprovadas pela primeira Congregação Geral, em 1558.

⁶ Vincent O’Keefe, IN: REVISTA IHU ON-LINE, Edição: 546.

⁷ *Constituições*, [813].

⁸ CG 36ª D.1,19.



DA APROVAÇÃO OFICIAL DA COMPANHIA DE JESUS À CHEGADA DOS PRIMEIROS JESUÍTAS AO BRASIL

Carla Galdeano Candiotti

HISTORIADORA DA SECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA BRA

Peregrinos sob a bandeira de Cristo, Inácio de Loyola e seus primeiros companheiros iniciaram seu trabalho evangelizador no Colégio de Santa Bárbara, em Paris (França). Nos sete anos em que estudou no colégio, Inácio conseguiu reunir, a seu redor, esse grupo com integrantes de diversas nacionalidades que, posteriormente, iria se tornar o núcleo inicial da Companhia de Jesus.

A vocação desses “amigos no Senhor” era viver em favor dos outros, anunciando e seguindo a Jesus Cristo, renunciando aos bens materiais. Seu modo de ação dava-se pelo oferecimento dos Exercícios Espirituais, criados com base na experiência pessoal de Loyola.



Em 15 de agosto de 1534, os companheiros reuniram-se na Capela dos Mártires, no bairro de Montmartre, em Paris, e pronunciaram seus primeiros

votos, durante Celebração Eucarística. Seu compromisso era com a castidade, a pobreza e a jornada para Jerusalém, onde atuariam como missionários. Caso, por qualquer motivo, essa peregrinação não se realizasse no prazo de um ano, colocariam seu próprio futuro nas mãos do Papa.

Infelizmente, a viagem para Jerusalém não se concretizou. Contudo, após uma visão em La Storta, região próxima à cidade pontifícia, Inácio entregou, definitivamente, a sua vida e a de seus companheiros à vontade de Deus, confiando que Ele “lhes será propício em Roma!”.

Embora estivessem unidos por um mesmo objetivo, até esse momento, não havia, por parte dos companheiros, a intenção de formar uma nova ordem religiosa ou, até mesmo, de entrar em uma já existente. Como mencionado, o grupo era composto por integrantes de diferentes origens, oriundos de diversas partes da Europa e de diversas camadas sociais e culturais. Essas perspectivas distintas e, possivelmente, juízos distintos poderiam gerar dificuldades. Todavia, o chamado para viver em um corpo apostólico com uma vida consagrada a Cristo superou qualquer impasse inicial e, após muita oração, buscando discernir a vontade de Deus, decidiram unir-se em companhia.

O nome escolhido para o grupo define claramente o propósito da nova Ordem religiosa: o de serem “Companheiros de Jesus”, pois eram unidos entre si por esse comum amor a Jesus Cristo.





“O nosso brasão, de nós, jesuítas, é um monograma, o acrónimo de *Jesus Hominum Salvator* (IHS). Cada um de vós poderá dizer-me: sabemos-lo muito bem! Mas esse brasão recorda-nos continuamente uma realidade que nunca podemos esquecer: a centralidade de Cristo para cada um de nós e para a Companhia inteira, que santo Inácio quis chamar precisamente «de Jesus», para indicar o ponto de referência”¹.

A Companhia de Jesus foi fundada no período da Contrarreforma da Igreja Católica, mas não como seu projeto específico. Seu propósito inequívoco era o de mostrar a todos a felicidade plena que se encontra no Deus revelado: Jesus Cristo, salvando as almas e todas elas em uma promoção da fé, da cultura e da justiça.



Nasce, imediatamente, missionária (*ad dispersionem*), pondo-se à disposição da Sé Apostólica e comprometendo-se, generosamente, «sob o estandarte da Cruz, pelo Senhor e pelo seu Vigário na terra»². Para alcançar o apostolado mais universal possível, dispensam a observância claustral, o coro e o hábito, substituídos pelo ideal da vida comum em comunidade.

É importante ressaltar que esse pequeno grupo, exercendo a ação evangelizadora ainda de maneira modesta, chamou a atenção do reitor do Colégio de Santa Bárbara, Diogo de Gouveia, amigo e conselheiro do Rei D. João, de Portugal. Assim, Gouveia propôs que o monarca convidasse o pequeno grupo para missionar nas novas colônias portuguesas, antes mesmo da aprovação oficial da Ordem, em Roma.

Ao ser informado por Inácio de que a decisão dependia da ordem pontifícia,

Gouveia enviou instruções ao embaixador do Sumo Pontífice, que logo solicitou a presença de seis dos “inacianos”. Após um processo de discernimento profundo, Inácio de Loyola deliberou que Simão Rodrigues e Nicolau Bobadilha seriam os enviados para essa missão. No entanto, Bobadilha ficou doente e foi substituído por Francisco Xavier, que se dirigiu à Índia em uma viagem que podemos considerar como um dos marcos que inflamou toda a dispersão da Companhia pelo mundo.

Rodrigues, a pedido do Rei, ficou em Portugal, a fim de recrutar mais missionários. Em Coimbra, fundou o Colégio de Jesus, promovendo uma notável expansão das missões ultramarinas e sendo o responsável pelo envio do Pe. Manuel da Nóbrega para fundar a missão no Brasil.

Dispostos a ir além das fronteiras culturais e geográficas para a propagação de Cristo, os jesuítas, liderados pelo Pe. Manoel da Nóbrega, chegaram ao Brasil em 1549. Eles integraram a comitiva de Tomé de Souza, primeiro governador-geral. Entre eles, estavam Pe. João de Azpilcueta Navarro, Pe. Leonardo Nunes, Pe. Antonio Pires, Ir. Diogo Jácome e Ir. Vicente Rodrigues.

O objetivo da missão era o de zelar pela religiosidade católica no interior das comunidades coloniais portuguesas e o complexo trabalho de evangelizar os indígenas. Com um olhar cuidadoso para a civilização nativa com a qual estavam entrando em contato, os jesuítas perceberam que a inculturação – a aproximação e a troca entre as duas culturas – seria fundamental para encontrar um princípio unificador. Mesmo que esse termo nunca tenha sido utilizado por Inácio de Loyola,

no “pressuposto” dos Exercícios Espirituais se pede ao orante algo essencial para o processo de inculturação: salvaguardar a proposição do próximo (EE 22), o que é indispensável para existir o verdadeiro diálogo.

Por meio dessa observação profunda do outro e utilizando de muita criatividade, principalmente no que diz respeito ao modo de “adaptar” os aspectos da cultura Cristã para a compreensão nativa, os jesuítas utilizaram a música, o teatro, as artes plásticas e, principalmente, o estudo da língua para a realização da missão.

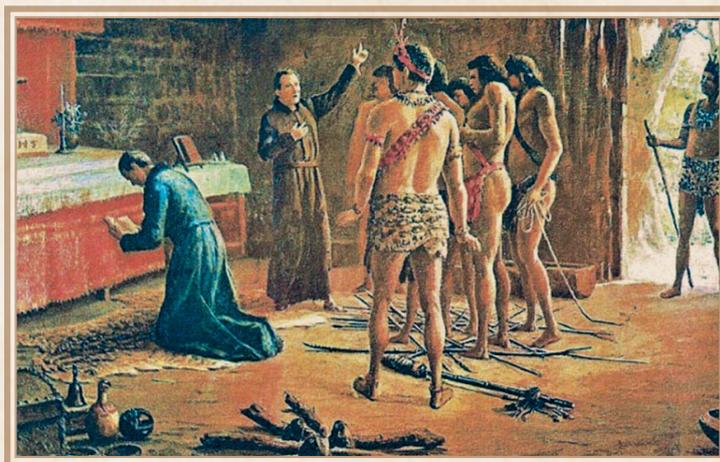
A respeito dessa investigação da língua nativa, destacamos a figura de José de Anchieta, que redigiu a gramática da língua brasílica, permitindo, assim, o ensino formal do idioma. Todo o trabalho missionário não somente fez com que diversas nações indígenas se deixassem conquistar por Cristo, mas também fez surgir constantes tensões com as autoridades e os colonos, em virtude das aldeias e do cuidado e proteção da liberdade indígena.

O encontro com o novo é sempre muito desafiador, porém, mesmo enfrentando tantas adversidades na Missão Brasil, os jesuítas não se deixaram abater e permaneceram remando contra correntes contrárias e perigosas (os jesuítas devem ser “remadores qualificados e valorosos”)³. Com a expansão do labor apostólico por meio da criação dos primeiros colégios e do aldeamentos no interior de toda a colônia, começa a surgir uma Primavera missionária. Primavera repleta de ricos frutos, que durou até meados do século XVIII, quando, com o ataque pombalino, a missão no Brasil foi interrompida por quase um século. ■

¹ FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco no dia da memória de Santo Inácio de Loyola. Igreja do Santíssimo Nome de Jesus. Roma. 31 de Julho de 2013. Disponível: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020.index.html#homilies>*

² *Fórmula do Instituto da Companhia de Jesus. In Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares. Edições Loyola. 1997.*

³ PIO VII. *Bula Sollicitudo Omnium, Ecclesiarum do Papa Pio VII restaurando a Companhia de Jesus. Dois Períodos de uma Mesma História, Num Mesmo Espírito: Documentos. Edições Loyola. 2014.*



NÓBREGA E ANCHIETA: A CONTRIBUIÇÃO JESUÍTICA NO ALVORECER DO BRASIL

Paulo Roberto Pereira

**AUTOR DE LIVROS E ARTIGOS SOBRE OS JESUÍTAS NO BRASIL COLONIAL, ENTRE ELES,
A OBRA COMPLETA DE MANUEL DA NÓBREGA. EDIÇÃO DO 5º CENTENÁRIO (2017)**

A afinidade no trabalho missionário e intelectual entre as duas principais figuras da Companhia de Jesus no Brasil quinhentista – o português Manuel da Nóbrega (1517-1570) e o espanhol José de Anchieta (1534-1597) – se deve, provavelmente, à influência que sofreram da Escola de Salamanca, movimento filosófico da Universidade onde Nóbrega foi aluno, que tinha a defesa do índio americano entre seus postulados.

Nóbrega tinha 32 anos quando dirigiu, como Superior da Companhia de Jesus, a primeira missão com destino às Américas, partindo de Lisboa (Portugal), na frota do governador Tomé de Sousa, em 1 de fevereiro de 1549. A armada chegou à Baía de Todos os Santos (Bahia) em 29 de março. O jesuíta participou da fundação da cidade de Salvador (Bahia) criando o primeiro colégio na capital da América Portuguesa e iniciou, com padres



E-mail: paulorobertopereira08@gmail.com

e irmãos que trouxera de Portugal, a catequese dos silvícolas brasileiros¹.

Em novembro de 1549, Nóbrega iniciou uma série de viagens pelo Brasil, tomando conhecimento das necessidades dos pequenos núcleos de colonização num país de dimensão continental. Em suas cartas ao padre Simão

Rodrigues, Provincial de Portugal, e ao rei Dom João III, solicitava recursos e missionários para a evangelização dos silvícolas². Em novembro de 1552, quando se avolumavam as dificuldades de se lidar com o primeiro bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha, Nóbrega partiu com o governador-geral Tomé de Sousa em visita às capitanias do Sul do país. Entre dezembro de 1552 e janeiro de 1553, Nóbrega entrou, pela primeira vez, na Baía de Guanabara (RJ). Depois dessa experiência, partiu para a capitania de São Vicente (SP), onde se encontrava o principal grupo de padres jesuítas na época. Em São Vicente, no início de 1553, Nóbrega visitou o colégio fundado no ano anterior

¹ PEREIRA, Paulo Roberto. *O quinto centenário de Manuel da Nóbrega, primeiro escritor da Bahia*.

² NÓBREGA, Manuel da. *Obra completa. Edição do 5º centenário. Organização de Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2017. dor: ALB, 56: 131-142, 2018.*



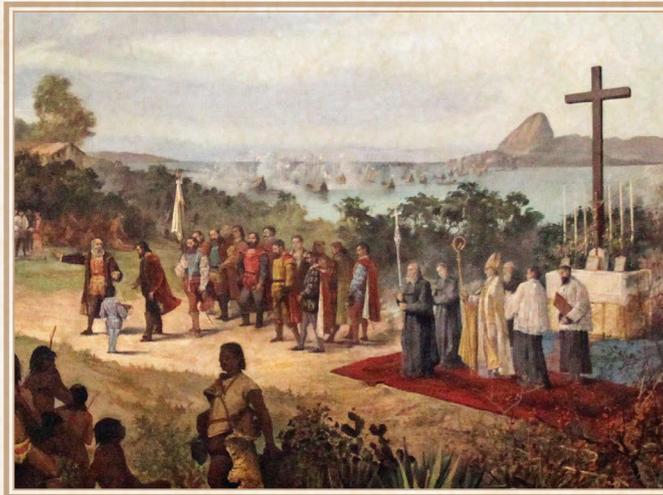
por Leonardo Nunes, o célebre “padre voador”, primeiro jesuíta a missionar na capitania de Martim Afonso de Sousa. Em 9 de julho de 1553, o Superior Geral da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, criou a Província do Brasil e nomeou Nóbrega como o primeiro Provincial, pondo fim à subordinação dos jesuítas ao bispo Sardinha³.

Em 13 de julho de 1553, vieram, na frota do segundo governador, Duarte da Costa, mais sete missionários, entre eles, José de Anchieta. O irmão Anchieta, que não pôde completar os estudos para se ordenar padre em virtude da doença que o acometera, foi enviado para São Vicente para dar aulas e escrever relatórios da Companhia, que precisavam ser enviados para Roma. Assim, com o auxílio do irmão José de Anchieta, o apoio do sertanista João Ramalho, a ajuda indispensável dos índios liderados pelo cacique Tibiriçá e uma missa celebrada pelo padre Manuel de Paiva, fundou-se, conforme o desejo de Nóbrega, em 25 de janeiro de 1554, o Colégio de São Paulo no Campo de Piratininga, núcleo inicial da atual capital paulista⁴.

Em 1555, sob o comando do vicealmirante da Bretanha Nicolas Durand de Villegagnon, os franceses fundaram, na Baía de Guanabara, a chamada França Antártica. A aventura francesa na Guanabara aconteceu no auge da guerra religiosa causada pelo cisma nascido da Reforma Protestante, que assolava a França e se estendia pela Europa Ocidental. Assim, a Terra de Santa Cruz começava a participar da cultura ocidental por meio das guerras de religião e da conversão do gentio, visto que a motivação primeira – a econômica, de exploração da madeira tintória – inseriu o Brasil, simultaneamente, no comércio internacional e na história espiritual do século XVI.

Isso porque alguns dos intelectuais que participaram da aventura francesa pela costa da Terra do Pau Brasil – André Thevet, João Cointha, Jean de Léry – beberam, por diferentes vias, nas águas do

humanismo renascentista e nenhum intelectual relacionado com o tempo em que a razão e a fé se digladiavam ficava imune à tempestade transformadora do pensamento renovador inoculado por Erasmo de Roterdã, Thomas More, Nicolau Maquiavel e Francisco de Vitória, como se observa nos escritos de Manuel da Nóbrega e de José de Anchieta⁵.



O trabalho desenvolvido pelos jesuítas com os indígenas provocou, muitas vezes, guerras contra os colonizadores portugueses e as tribos a eles aliadas, como ocorreu em 1563, na Confederação dos Tamoios. Assim, para negociar diretamente com os chefes tamoios uma paz duradoura, Nóbrega e Anchieta partiram de Bertioiga, em São Paulo. Anchieta ainda não tinha recebido a batina de padre, mas já era o excepcional linguista e poeta que a posteridade conheceria. Juntos, dirigiram-se à aldeia de Iperoig, na atual Ubatuba (SP). O resultado positivo das conversações e a paz firmada podem ser lidos com emoção na correspondência de Anchieta⁶.

O acordo com os tamoios permitiu que Nóbrega se dedicasse a outro sonho que visava à unidade territorial do Brasil: a fundação de uma cidade no Rio de Janeiro para tornar a Baía de Guanabara uma região estratégica para a difusão do catolicismo e, ao mesmo tempo, a salvaguarda do projeto de expansão geográfica que, a partir de São Paulo, iria em direção ao sul do Brasil. Assim, com poucos recursos e sem a presença de Nóbrega, Estácio de Sá, acompanhado de Anchieta, entrou na Baía de Guanabara em 1 de março de 1565 e, entre o morro

Cara de Cão e o do Pão de Açúcar, planejou os fundamentos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, conforme se pode ler na carta de Anchieta de 9 de julho de 1565, considerada a certidão de nascimento da cidade do Rio de Janeiro⁷. No entanto, somente em 1567, com a chegada de Mem de Sá, acompanhado de Nóbrega e Anchieta, ao território do Rio de Janeiro, o conflito chegou ao fim e culminou com a expulsão dos franceses e de seus aliados tamoios. A batalha final aconteceu quando Estácio de Sá morreu atingido por uma flecha. Para melhorar a segurança da jovem cidade, Mem de Sá transferiu-a para o Morro do Castelo, onde os jesuítas, liderados por Nóbrega, criaram o Colégio do Rio de Janeiro, o primeiro da cidade. E Anchieta, participante dos acontecimentos, resume assim o papel de Nóbrega:

Do Colégio do Rio de Janeiro foi o primeiro o padre Manuel da Nóbrega que o começou a *fundamentis* e nele acabou a vida, depois de deixar toda aquela terra sujeita e pacífica, com os índios tamoios sujeitos e vencidos, e tudo sujeito a *El-Rei*, sendo ele o que mais fez na povoação dela, porque com seu conselho, fervor e ajuda se começou, continuou e levou ao cabo a povoação do Rio de Janeiro.⁸ ■

³ PEREIRA, Paulo Roberto. *El quinto centenario de Manuel da Nóbrega*. In: *Revista Anchiétea 4 y 5*. Universidad de La Laguna (Tenerife, Canarias, España), 4/5: 107-134, 2016/2017.

⁴ PEREIRA, Paulo Roberto. *O índio brasileiro: o bom selvagem e o canibal*. In: *Revista Colóquio/Letras*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 189: 118-129, 2015.

⁵ PEREIRA, Paulo Roberto. *João Cointha, um heterodoxo na França Antártica*. In: *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 43: 19-37, 2005.

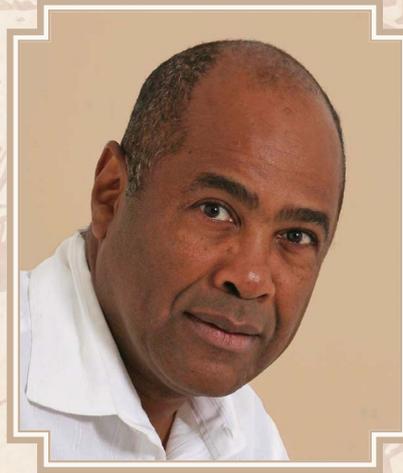
⁶ PEREIRA, Paulo Roberto. *Cartas de Anchieta: O canibal e o jesuíta em Iperuí*. In: *Revista Anchiétea 2*. Universidad de La Laguna (Tenerife, Canarias, España): Cátedra Cultural “Padre Anchieta”, 2014, p. 105-129.

⁷ ANCHIETA, S.J., Pe. Joseph de. *Cartas*. Edição do Pe. Hélio Abranches Viotti, S.J. São Paulo: Loyola, 1984, pp. 255-267.

⁸ ANCHIETA, José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Civilização Brasileira, 1933, p. 327.



A COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL NA RENOVAÇÃO E NA QUEBRA DE PARADIGMAS



Prof. Dimas da Cruz Oliveira

ACADEMIA DE LETRAS DO TRIÂNGULO MINEIRO

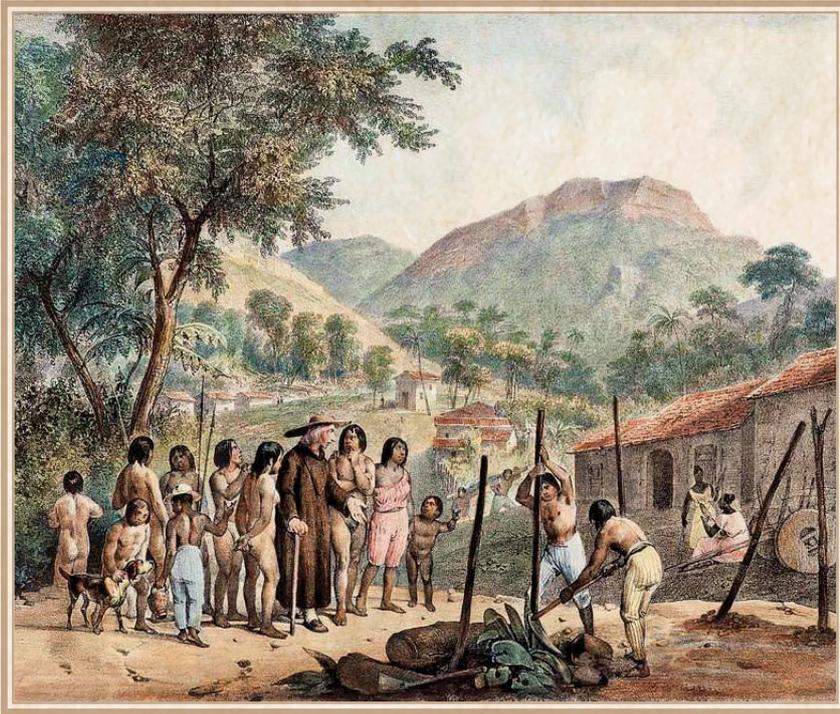
Foi em pleno século XVI, quando sucessivas crises se abatiam sobre a Igreja Católica, que, mais uma vez, se fizeram valer as promessas de renovação a ela feitas por seu divino fundador. Destarte, surgiu a *Companhia de Jesus*, uma nova ordem que se propunha a associar as vantagens espirituais da vida monástica e contemplativa com as da vida prática; consubstanciadas, estas, na educação. Tomando como modelo o sumo educador, Jesus Cristo, com suas parábolas inesquecíveis, o espanhol Inácio de Loyola se propôs a fazer o papel de soldado a serviço da Igreja, ou seja, retomando a denominada *Ecclesia Militans*, dos tempos apostólicos. É, por isso, que adotamos um título característico para o presente artigo. A Companhia de Jesus, com seus começos modestíssimos, aliás, nasce sob a égide da atuação no mundo buscando convertê-lo por meio de outro

“mundo”: o da educação cristã. Acreditando no potencial humano, nas riquezas espirituais inerentes ao ser criado por Deus, o missionário jesuíta não medirá sacrifícios em sua tarefa de bem conhecer esse potencial a fim de explorá-lo da melhor maneira possível.

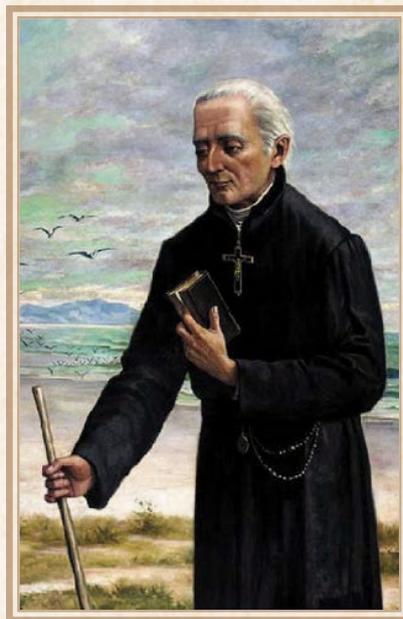
Por isso, desde o começo, no rasto das grandes descobertas marítimas que tinham levado o europeu até às costas do Brasil, os jesuítas deverão “renovar e quebrar paradigmas”, inclusive, o maior de todos e mais grave, por seu acentuado viés preconceituoso: o de que os indígenas seriam desprovidos de alma, seres bárbaros por sua própria natureza e indignos do convívio com a civilização. Uma das maiores injustiças históricas, portanto, é aquela cometida contra a Companhia de Jesus por aqueles que, por meio da nossa própria perspectiva contemporânea, subestimam a importância do seu trabalho educador nas terras brasi-

leiras recém descobertas ou desfiguraram-no como se mero instrumento fora a serviço do explorador. Ou ainda, como se fosse fácil a própria travessia oceânica, “*conditio sine qua non*” do trabalho jesuíta no Brasil. Basta-nos recordar aqui aqueles versos de Camões nos *Lusíadas*: “*E por trabalhos vãos nunca repousas; Pois os vedados términos quebrantas; E navegar meus longos mares ousas; Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho; Nunca arados de estranho ou próprio lenho!*”

O jesuíta deverá enfrentar, assim, “mares nunca dantes navegados”, tempestades, corsários calvinistas, climas e populações, muitas vezes, hostis; e o que mais impressiona: distâncias ainda hoje espantosas por suas dimensões. Percursos de 100 a 400 léguas, muitas vezes, marcados por serranias imensas, rios caudalosos e florestas a perder de vista, eram completados em pouco tempo pelo



zelo missionário. Dá-nos, por exemplo, ainda hoje, uma ideia vaga daquele zelo a consideração dos formidáveis contrafortes rochosos que se estendem entre a metrópole paulista, situada no histórico Planalto de Piratinin-ga, e as praias da Baixada Santista, contrafortes, a custo, vencidos pelos recursos da engenharia moderna. Pensar que, num trânsito incessante, lá pelos meados do século XVI e XVII, os jesuítas subiam e desciam o maciço, muita vez a pé, a fim de carrear suas ideias, guiar seus pupilos espiritualmente, avaliar os frutos da catequese, fundar ou renovar capelas e colégios, entregar correspondência, distribuir sacramentos, dirimir contendas, intermediar delicadas negociações entre os indígenas e os europeus, se insinuar pelos meandros da diplomacia na colônia incipiente, abrir novas batidas na mata ou bem traçar as antigas, delimitar áreas de atuação, assimilar costumes locais ou adaptar a tradição das tribos aos novos tempos, avaliar as circunstâncias políticas que os envolviam, introduzir sementes, explorar as virtudes curativas das ervas da floresta, registrar os traços mais importantes da fauna e da flora! Repetimos: apenas o ideal da Ecclesia Militans pode explicar o fenômeno.



Tudo isso, aliás, reflete também a relação íntima entre os jesuítas e o indígena. A fim de realmente catequizar – sabiam-no os jesuítas melhor do que ninguém – era preciso, antes de qualquer outra coisa, realizar um trabalho de assimilação. Isso explica por que os padres Nóbrega e Anchieta mergulharam na cultura tupi buscando compreendê-la com base em suas próprias raízes linguísticas. A pedagogia jesuíta, antecipando as vanguardas da nossa própria época e remontando ao apóstolo dos missionários, São Paulo, sempre

ensina por meio de elementos já conhecidos daqueles a quem ela se destina. O padre Anchieta escreve, primeiro, uma gramática da língua tupi; porque ele busca, nos recessos do pensamento indígena, naquele mundo original, os recursos necessários à catequese. Para os jesuítas, portanto, não se tratava jamais de violar o modo de pensar dos índios a fim de impor-lhes o pensamento europeu qual uma camisa de força.

Dessa mesma fonte, jorra outra descoberta feita pelos jesuítas, também ela de suma importância, porém, geralmente, subestimada: a da própria língua tupi-guarani, cujo domínio geográfico era característico não apenas dos imensos sertões brasileiros, mas se estendia também muito além das fronteiras, pelas chapadas circum-adjacentes à bacia platina. Se nós, brasileiros, que empregamos como língua “a última flor do Lácio, inculta e bela”, já não fazemos caso do latim, o que dizer, então, daquela língua indígena! Foram os missionários jesuítas, entretanto, que descobriram as riquezas do idioma dos índios, criando a chamada língua geral. Esta consistia num tupi adaptado, que, por concentrar os recursos de uma toponímia riquíssima e de uma sintaxe cuja harmonia e engenho “lembrava o próprio grego”, nas palavras cheias de admiração do padre Anchieta, se espalhou com rapidez inacreditável pelas aldeias e vilas da colônia. Até meados do século XVIII, toda a colônia falava a língua geral, sendo o português limitado à conversação solene e oficial. A Companhia de Jesus nos ofereceu, assim, a única oportunidade que tivemos, em nossa história, de nos tornarmos um país bilingue! Mas foi, então, que Marquês de Pombal se empenhou em perseguir os jesuítas e impôs o idioma oficial do reino, o português, como exclusivo. Nem isso, entretanto, nem muitas outras vicissitudes por que passou a Ordem, desde sua supressão até à justíssima restauração, desde o acentuado anticlericalismo dos primeiros tempos da República até aos “anos de chumbo” do período militar, nada disso diminui sua grandeza. ■

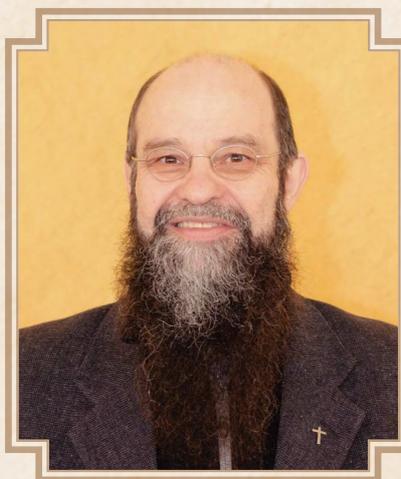


SUPRESSÃO E RESTAURAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS

Pe. Carlos Alberto Contieri, SJ

COORDENADOR DO CUIDADO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DA PROVÍNCIA DOS JESUÍTAS DO BRASIL

Quisera começar essa minha breve exposição citando um pequeno trecho da homilia do Papa Francisco durante as Vésperas, celebrada na Igreja do Gesù, em Roma (Itália), por ocasião da celebração do bicentenário da restauração da Companhia de Jesus: “Diante da perda de tudo, até da sua identidade pública, não fizeram resistência à vontade de Deus, não se ofereceram ao conflito procurando salvar-se a si mesmos. A Companhia — e isto é bonito! — viveu o conflito até o fundo, sem o reduzir: viveu a humilhação com Cristo humilhado; obedeceu! Nunca nos podemos salvar do conflito com a astúcia e com os estratagemas para resistir. Na confu-



são e diante da humilhação, a Companhia preferiu viver o discernimento da vontade de Deus, sem procurar um modo para sair do conflito de maneira aparentemente tranquila. Ou, pelo me-

nos, elegante: não agiu assim!” (Papa Francisco, em 27 de setembro de 2014).

“Ajudar as almas” sempre foi, desde a sua conversão, o desejo de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus; desejo que ele transformou no fim apostólico da Companhia de Jesus, oficialmente aprovada pela Bula Papal, em 27 de setembro de 1540, há 480 anos. Por meio de ministérios diversos (pregações, exercícios espirituais, catequese, ensino, pesquisa, missões, apostolado intelectual, entre muitos outros), a Ordem religiosa realizou sua missão com criatividade, ousadia, *parresía*, inteligência, planejamento e incansável dedicação, levando sempre em consideração as circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura. Para a



Companhia, a noção de missão é fundamental. A Companhia existe para a missão: a sua identidade consiste em existir para ser enviada. É a missão que determina o “nosso modo de proceder”. Sendo assim, o “espírito missionário” não é somente uma marca da Companhia restaurada, mas o que se deve esperar de uma Ordem fundada para ser enviada. Nas Constituições da Companhia, “a palavra missão tem, às vezes, seu sentido primário: o ato de enviar alguém, porém, mais frequentemente, significa o ministério sem lugar fixo a que se é enviado” (*Dicionário Histórico de la Compañía de Jesús*, III, 2686). Grosso modo, nas Constituições, a noção de missão é dominada pela perspectiva espacial. Trata-se, grosso modo, da distribuição dos jesuítas na vinha do Senhor. Hoje, como outrora, a universalidade da missão da Companhia de Jesus não é medida unicamente pela distribuição geográfica, mas, pela diversidade de atuação em todos os âmbitos em que a existência humana e eclesial se organiza.

Em outras ordens religiosas, os membros viviam em mosteiros ou conventos. Os jesuítas viviam em casa ou em colégios, mas diferiam muito dos outros porque sua ‘melhor casa’ eram as suas ‘peregrinações’ e suas ‘missões’, isto é, suas caminhadas para os ministérios. Nesses vários estilos, os jesuítas seguiam mais de perto a forma de vida dos primeiros pregadores do evangelho – os apóstolos não vestiam hábito monástico ... não passavam o seu tempo [no coro] cantando salmos e hinos (O’Malley, *Os primeiros jesuítas*, p. 110). Pe. Jerónimo Nadal não se cansava de repetir: “nós não somos monges”. Para ele, a essência do monge era “evitar a companhia de outros seres vivos”. Porém, “a essência do jesuíta era procurar sua convivência a fim de ajudá-los” (Id.). O “mundo é a nossa casa”, dizia, ainda, o sacerdote.

Desse modo, a novidade da Companhia de Jesus em relação a outras ordens religiosas com fortes obrigações conventuais internas é que ela foi, desde o seu nascimento, uma Or-

dem imersa no mundo e, por isso, não isenta de conflitos com colonos e autoridades públicas. Acusavam os jesuítas de serem “amigos do mundo”. Um dos traços marcantes da ação apostólica da Companhia foi o “fazer pensar”. Pode-se dizer, inclusive, que um dos motivos mais obscuros da Coroa portuguesa para a expulsão dos jesuítas do Brasil e o empenho para que a Ordem fosse supressa no mundo inteiro foi o



fato do engajamento dos jesuítas em ensinar as pessoas a pensarem, promovendo, assim, a autonomia do indivíduo. Lembrem-se de que o Marquês de Pombal, ferrenho opositor da Companhia, queimou a biblioteca dos jesuítas, um ato profundamente simbólico. A grande capacidade dos jesuítas consistia na manipulação dos sinais, além de terem sido grandes produtores de documentos.

A Companhia de Jesus, sobretudo antes de sua supressão, em 1773 (do Reino de Portugal, em 1759), nunca esteve na fronteira ou paralisada; ela sempre ultrapassou fronteiras não somente territoriais, mas também do conhecimento, as existenciais e as culturais, respondendo ao chamado de Deus e aos apelos que emergiam dos diversos lugares e situações em que estava presente. Se não tivesse ultrapassado fronteiras, nunca teria entrado, por exemplo, na China, no Japão,

na Índia, ou alhures. A Ordem manteve sempre aceso, como um dos seus ideais mais caros, o propósito de ajudar as pessoas a uma relação sempre maior com Deus.

Desde muito cedo, entre erros e acertos, os jesuítas foram avaliados e julgados como “santos e demônios” (cf. John W. O’Malley, *Santos e demônios*. Estudos sobre la historia de los jesuítas). Um arcebispo francês, Henri de Pardailen de Gondrin, jansenista convicto, em 1650, pediu orações pela conversão dos jesuítas. Pedido estranho, pois ele já tinha se decidido pela excomunhão dos padres da Companhia de Jesus. O certo é que, não importa o juízo, a Companhia de Jesus não passou despercebida pela história; ela despertou e desperta o interesse e a curiosidade de mestres de várias disciplinas do saber e das pessoas que, por meio do ministério dos jesuítas e de seus colaboradores, tiveram ou têm acesso aos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. A relevância histórica da Companhia de Jesus permitiu que ela fosse restaurada. Não houve, por parte dos que renasceram, ufanismos; humildes, buscaram compreender e aprender do passado para que, no presente de todos os tempos, renunciando a qualquer tipo de vaidade ou falsa modéstia, a Companhia seja impulsionada pelo desejo da “Maior Glória de Deus”.

O Pe. Jan Roothaan, primeiro Superior Geral da Companhia restaurada, foi incansável em pôr em prática as determinações da 21ª Congregação Geral (1829), o que supôs a culminação da Restauração da Ordem, em nível espiritual, interno, jurídico, educativo e missionário. Levou com afinco a recomendação de Papa Pio VIII (1829-1830): a Companhia não admitiria a abertura de novos colégios até ter consolidado os já abertos e não empreenderia novas ações e missões apostólicas até constatar que o seu espírito havia sido incutido em seus membros mais jovens (cf. Alfredo Verdoy, *La Compañía de Jesús restaurada: involución ou revolución?*, *Manresa* 86, 2014, p. 22). Eis aí um bom critério para as nossas opções apostólicas. ■



Pe. Roberto Jaramillo, SJ

Presidente da CPAL

Um dos elementos mais inovadores que nos trouxe a 36ª Congregação Geral e que penso ainda não ter sido suficientemente valorizado é a chamada *conversação espiritual*. É como um pequeno e valioso presente que uma criança recebe na noite de Natal e que, ao envolver-se na magnitude da festa, da música e das expectativas do momento, do qual se esquece ainda embrulhado, esperando que o seu destinatário o descubra. Eu mesmo sou um convertido ao valor infinito (literalmente) desse instrumento para o discernimento da missão.

Depois da 36ª Congregação Geral, quando comecei a participar das três reuniões anuais do Conselho Ampliado do Pe. Geral, achava artificial e muito formal a insistência de alguns companheiros (especialmente da Europa) para que usássemos a metodologia da *conversação espiritual*: três rodadas de diálogo fraterno no Espírito no qual, depois da oração pessoal e do exercício de anotar as moções, coloca-se em comum, numa primeira rodada, o que foi escrito, sem glosas nem comentários ou perguntas e deixa-se repousar o que foi ouvido. Num segundo turno, estabelece-se um diálogo de esclarecimento ou de aprofundamento de determinadas questões. Por fim, numa terceira volta, percebem-se (experimentam-se, identificam-se) os acordos e os desacordos para encontrar “um caminho aberto”, como fizeram os primeiros padres em suas deliberações.

A CONVERSAÇÃO ESPIRITUAL

A insistência e a simplicidade do método causavam-me certa repulsa; exatamente, a da criança que despreza o pequeno presente para concentrar a sua atenção em presentes maiores. E eu não era o único no grupo; parecíamos que o discernimento era mais complicado, mais difícil, mais profundo, muito mais sério. A verdade é que, aos poucos, à medida que íamos acolhendo a simplicidade do método, indo além do seu serviço (do recipiente ao conteúdo), e nos deixávamos tocar pela ação do Espírito, as barreiras ideológicas e os preconceitos foram caindo. E não só isso: aprendemos

2010-2020 (PAC) e o planejamento do PAC 2 (2021-28), bem como a decisão recentemente tomada sobre o Centro Interprovincial de Formação CIF de Santiago do Chile, no âmbito da avaliação e de melhoria do três CIF, por ocasião de seus 10 anos.

Escolher (além de decidir) é o exercício supremo da identidade, da dignidade e da liberdade, o mais precioso dos bens divinos. Todos somos obrigados, todos os dias, a tomar decisões e a fazer escolhas nos âmbitos pessoal, grupal e institucional. Sempre há a possibilidade ou de acertar ou de errar - *homines sumus*. Contra a tentação

“ **CONTRA A TENTAÇÃO MAIS COMUM DE DECIDIR E DE ESCOLHER MOTIVADOS PELO PRÓPRIO AMOR E INTERESSE, A CONVERSAÇÃO ESPIRITUAL OFERECE-NOS UM PRECIOSO INSTRUMENTO PARA NOS DEIXARMOS GUIAR PELO ESPÍRITO**

também a fazer da *conversação espiritual* um instrumento habitual e central do discernimento, sem por isso confundir-la com ele.

Assim foram alimentadas todas as conversas do Conselho Ampliado do Pe. Arturo Sosa.

Assim enriqueceram todas as assembleias e deliberações dos provinciais no seio da CPAL desde 2017: as nossas contribuições ao processo de escolha das Preferências Apostólicas Universais, a decisão sobre o 4º ano de Teologia, o discernimento sobre o processo de reestruturação das províncias, as orientações sobre o processo de avaliação do Plano Apostólico Comum

mais comum de decidir e de escolher motivados pelo próprio amor e interesse, a *conversação espiritual* oferece-nos um precioso instrumento para nos deixarmos guiar pelo Espírito em função da missão que nos foi confiada.

É tão simples que podemos negligenciar seu valor infinito; sua simplicidade desafia nossos métodos e nossos preconceitos. À medida em que a *conversação espiritual* se torna um modo habitual de intercâmbio em nossas comunidades, grupos e obras apostólicas, ela prepara o discernimento como forma de fazer escolhas em função da vida-missão da Companhia. Vamos aproveitá-la. ■

AJUDA HUMANITÁRIA RESSIGNIFICA O TRABALHO DO SJPAM

Já se passaram seis meses desde a chegada da pandemia da covid-19 na região da Tríplice Fronteira Amazônica. De lá para cá, a equipe do Serviço Jesuíta para a Panamazônia (SJPAM) precisou se adaptar à nova realidade e aos novos desafios. Uma das respostas é a ajuda humanitária aos povos amazônicos: indígenas, ribeirinhos, campesinos etc.

Graças à colaboração de diversas agências, obras e amigos tem sido possível aliviar um pouco o sofrimento de comunidades do Brasil, da Colômbia e do Peru. Nessa ação, o SJPAM recebe ajuda externa, além de contar com o apoio de moradores dessas localidades. O trabalho conjunto entre leigos e religiosos de diferentes congregações é um sinal de que, cada vez mais, cresce a neces-



sidade de ampliar as colaborações mútuas para obter mais eficácia na missão junto aos povos amazônicos.

ENCONTRO VIRTUAL DA REDE DE SOLIDARIEDADE E APOSTOLADO INDÍGENA

Nos dias 13 e 14 de agosto, aconteceu o encontro virtual da Rede de Solidariedade e Apostolado Indígena (RSAI). A iniciativa contou com a participação de cerca de 70 jesuítas, indígenas, leigos e leigas. No primeiro dia do encontro, foi proporcionado aos participantes um momento de escuta, análise e reflexão da

realidade dos povos indígenas da América Latina frente à pandemia da covid-19. A fala dos indígenas foi muito significativa e alentadora ao testemunharem a superação dos sintomas causados pela doença por meio da sabedoria dos xamãs e anciãos, que recorrem às plantas medicinais e aos rituais de cura, tradicionais de cada etnia. Eles

também demonstraram gratidão à terra por provê-los de alimentos e de remédios, vitais para a sobrevivência. No segundo dia, houve a avaliação do caminho percorrido pela RSAI e pela Equipe de Reflexão sobre Culturas e Religiões Indígenas Latino-americanas (Ercria) e a projeção da continuidade das ações estratégicas.

DISCERNIMENTO DA REPAM

Nos dias 14 e 17 de agosto, teve início o discernimento espiritual da Rede Eclesial Panamazônica (REPAM). A atividade foi coordenada pelo Pe. Alfredo Ferro e pela equipe de assessores da entidade. Após o Sínodo da Amazônia, a REPAM iniciou o processo de transição em sua secretaria executiva. Diante disso, se propôs a fazer um discernimento espiritual sobre a sua missão, especificamente, no contexto

da pandemia. Para tal fim, formulou três perguntas sobre a sua missão e identidade, sobre como enfrentar a pandemia e sobre as tarefas da nova secretaria executiva.

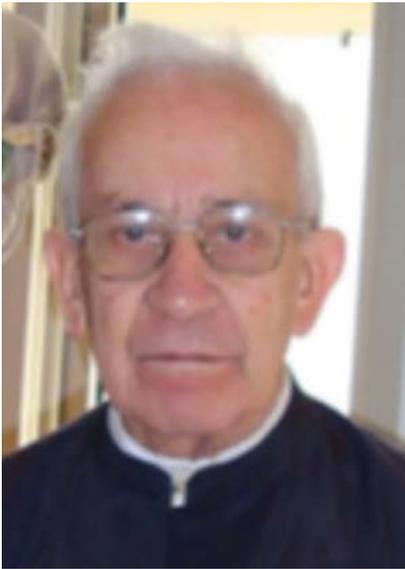
Cerca de 40 pessoas iniciaram o encontro virtual fazendo uma análise da conjuntura amazônica e eclesial e escutando uma síntese da consulta feita sobre esses três questionamentos. Depois de uma rica partilha, o grupo sentiu que o chamado do Espírito se

expressava em diversos verbos, entre eles: encarnar-nos, refletir, construir, apoiar, escutar, converter-nos, recriar-nos e, fundamentalmente, ser Igreja samaritana e profética.

Ao final do discernimento, foram compartilhadas as contribuições daquilo que deveria primar na missão da nova secretaria executiva. O processo de discernimento segue e espera que Deus continue acompanhando a REPAM na busca de sua vontade. ■

Fonte: Carta Mensal Pan-Amazônia (nº 74/Agosto 2020)

Acesse www.jesuitasbrasil.com/cartapanamazonia e leia a íntegra desta e de outras edições.



NA PAZ DO SENHOR

PE. FRANCISCO DE PAULA DE AZEVEDO XAVIER BARBIERI, SJ

Por Pe. Carlos Henrique Müller, SJ

Padre Francisco de Paulo de Azevedo Xavier Barbieri nasceu na cidade de Pelotas (RS), no dia 2 de maio de 1923. Filho de João Xavier Barbieri e Francisca de Azevedo Xavier Barbieri, foi batizado na Catedral São Francisco de Paula, em Pelotas (RS).

Padre Francisco Barbieri ingressou na Companhia de Jesus em 28 de fevereiro de 1942, em Pareci Novo (RS), tendo como mestre de noviços o Pe. Léo Kohler. Nessa mesma casa, fez os primeiros votos em 5 de março de 1944. Durante os anos de 1946 a 1948 e 1953 a 1956, dedicou-se aos estudos filosóficos e teológicos no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo (RS). De 1949 a 1952, fez o magistério no Colégio Anchieta, em Porto Alegre (RS). Lá, lecionou algumas matérias no colégio, auxiliou na direção da Congregação Mariana e estudou matemática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 12 de dezembro de 1955, foi ordenado presbítero por Dom Vicente Scherer, no Colégio Cristo Rei. No ano de 1957, em Três Poços (RJ), o Pe. Barbieri completou a Terceira Provação com o acompanhamento de Pe. Walter Hoffer. Em 15 de agosto de 1959, em Porto Alegre, no Colégio Anchieta, fez os Últimos Votos, recebidos por Pe. José Carlos Hartlieb Nunes.

Boa parte do ministério sacerdotal do Pe. Barbieri foi dedicado à educação em diferentes lugares: no Colégio

Anchieta, em Porto Alegre - RS (1958-59); no Colégio Nossa Senhora Medianeira, em Curitiba - PR (1960-62); no Seminário São José, em Santa Maria -RS (1963-65). Foi capelão na Casa dos Irmãos da Misericórdia, onde cuidava-se da saúde de hansenianos, em Viamão (RS), nos anos de 1967 e 1968. No ano seguinte, trabalhou em Diamantino (MT), na Missão Anchieta. Trabalhando no Centro Antônio Vieira (CAVI), em Porto Alegre, esteve também à disposição do provincial (1970-73). Em seguida, foi enviado ao Santuário da Medianeira, em Santa Maria, onde permaneceu de 1973 até 1978. De 1978 a abril de 1979, auxiliou o reitor do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em São Leopoldo. Em abril de 1979, foi enviado para a Residência Santo Inácio, na cidade de Pelotas. Até abril de 2005, foi Capelão da Santa Casa de Misericórdia e confessor das Irmãs Carmelitas. Depois de um tempo de tratamento de saúde em São Leopoldo,

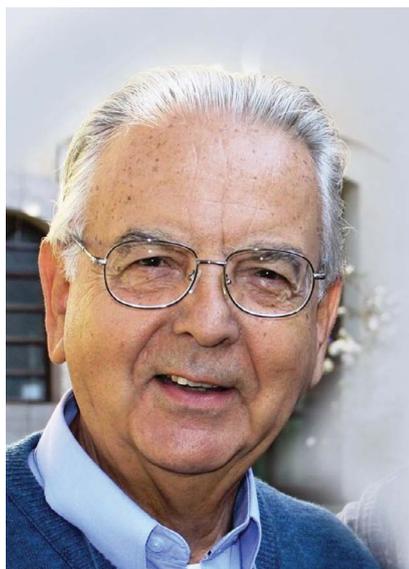
voltou à Residência Santo Inácio, em Pelotas, como Capelão do Carmelo. Ficou lá até fevereiro de 2010, quando foi enviado a São Leopoldo, onde se dedicou a rezar pela Igreja e pela Companhia. Faleceu na Comunidade de Saúde e Bem-Estar São José, no dia 29 de agosto de 2020.

Padre Inácio Spohr lembra que o Pe. Barbieri escreveu, em folhas simples, centenas de homilias para as mais diversas ocasiões: festas de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, Sacramentos, Santos da Igreja, Via-Sacra. Para cada uma das invocações da Ladainha de Nossa Senhora, escreveu uma homilia. Era simples no trato com as pessoas, alegre, atento, eficiente, serviçal. Doou-se à cura de almas no apostolado das comunidades por onde passou. Tranquilo no seu modo de ser e presença alegre nas comunidades, soube canalizar seus dons naturais para o serviço de Deus e dos irmãos. ■



TRANQUILO NO SEU MODO DE SER E PRESENÇA ALEGRE NAS COMUNIDADES, SOUBE CANALIZAR SEUS DONS NATURAIS PARA O SERVIÇO DE DEUS E DOS IRMÃOS.

Padre Inácio Spohr



NA PAZ DO SENHOR

PADRE MANUEL EDUARDO TOMÁS IGLESIAS RIVAS, SJ

Por Pe. Carlos Henrique Müller, SJ

Padre Iglesias nasceu em Santiago de Compostela (Espanha), em 6 de agosto de 1933, filho de Manuel Iglesias Curti e Carmen Rivas Anido. Formou-se em Direito na Universidade de Santiago de Compostela. Ingressou na Companhia em Salamanca (Espanha) em 12 de novembro de 1958, e, em 13 de novembro de 1960, fez os votos do biênio.

Estudou Filosofia em Comillas-Santander (Espanha) e no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo (RJ). Em 1964, foi para os Estados Unidos, estudar Teologia. Em 20 de maio de 1967, foi ordenado presbítero em Puente Grande, Guadalajara (México). De 1969 a 1977, trabalhou no Centro Cultural de Brasília (DF), saindo de lá, ocupou a função de diretor do Centro Inaciano de Espiritualidade (CIES) até 2003. Em Campinas (SP), no noviciado, foi sócio do Mestre de Noviços, o Pe. José Antônio Netto de Oliveira. Em Belo Horizonte (MG), na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), atuou como orientador espiritual e coordenador da pastoral e, finalmente, em Indaiatuba (SP), foi confessor e orientador de Exercícios Espirituais.

O testemunho do Pe. Pedro Rubens Ferreira nos apresenta muito bem o Pe. Iglesias: “Lembrarei com saudades agradecidas do amigo e companheiro Manolo Iglesias: ele deixa muitos amig@s e filh@s espirituais, entre os quais, eu me inscrevo.

Tive a alegria de conhecer Iglesias, como muitos de minha geração, em 1985, no “escolasticado” da Companhia de Jesus, primeiro projeto de unificação das Províncias do Brasil, em Belo Horizonte. Nessa casa e instituto de formação, Iglesias chegou como espiritual e responsável geral do discernimento e reflexão pastoral, o que já parecia bastante, mas ele logo abriu novos horizontes, notadamente atento ao ministério dos Exercícios Espirituais. Fomos companheiros na pequena comunidade Padre Arrupe, em Belo Horizonte, no bairro Campo Alegre, onde ele disse ter aprendido a cozinhar comigo (na verdade, fazíamos juntos o jantar, uma vez por semana). Era um homem de escuta profunda, palavras simples e gestos simpáticos. Perdoem-me recordar um momento bastante pessoal que mostra a grandeza de um companheiro: quando foi ao Ceará pela primeira vez, ele fez questão de visitar minha família, em Vazantes, em seu dia de folga; além das estradas difíceis do interior, estava chovendo e o rio estava cheio, mas ele não recuou e atravessou o rio montado em um burrico... Ao retornar, disse-me: “foi uma decepção encontrar seus pais, porque descobri que você não tem nada de original, herdou tudo deles”. Nunca escutei Iglesias falar mal de ninguém: praticava, de maneira impecável, o princípio inaciano de ‘salvar a proposição do próximo’!

Nos anos 1990, dois projetos nos tornaram cúmplices e parceiros: primeiro, o curso de Teologia Pastoral do ISI (hoje, FAJE) e, segundo, montamos o livro *Canta Povo de Deus* (Ed. Loyola): na apresentação, onde está escrito

‘equipe’, esconde-se o nome e o jeito articulador dele.

Quem não o conheceu pessoalmente leia um de seus livros ou converse com alguém que ele encontrou e terá acesso a muitos ‘causos’ singelos, sempre com humor e mística, expressão de uma espiritualidade rezada, vivida, ruminada, autêntica... Antes de escrever, ele gostava de narrar e pedir sugestões nas rodas de conversas, nas homilias da eucaristia doméstica, nas caminhadas ou durante a própria orientação espiritual. Assim, nos livros dele, reencontramos muita gente.

Adorava a cidade e o povo de Brasília, certamente, porque, como dizia, tinha gente do Brasil todo. Em todo caso, aí Iglesias viveu e trabalhou em dois períodos da vida, fazendo um trabalho miúdo e profundo, a partir do Centro Cultural de Brasília: lá, nos encontramos muitas vezes e partilhamos angústias e esperanças, sobretudo, em relação à Companhia de Jesus. Partiu sem visualizar um projeto apostólico arrojado na capital do país, mas nunca deixou de sonhar e reinventar a missão nessa cidade emblemática. Nesses últimos anos, viveu na paz do Mosteiro de Itaici. Lembro-me, em um de nossos encontros, do seu entusiasmo com um blog e as possibilidades de encontros com tanta gente: parecia uma criança vivida.

Uma pessoa sensível, um jesuíta bom, um missionário inculturado, um espiritual profundo, um ser humano inteiro e simples... Um homem de Igreja, um homem de Deus! Confesso que convivi com um santo do cotidiano... Que Iglesias, agora mais juntinho do Senhor, interceda por nós!” ■

O melhor da vida? PODER escolher...
Porque já não estou mais escravo dos
desejos do outro,
mas posso ser meu próprio desejo.
O mais difícil da vida? TER que escolher...
Porque não sou tudo e todos que desejo.
O pior da vida? NÃO VIVER, mas apenas EXISTIR...
Porque a existência é tão absurda, um deserto
com tanta areia.

O mais fácil da vida? VIVER...
Porque um dia a gente olha aquela areia da
existência absurda e descobre pegadas do absoluto
e, então, nasce um desejo de colocar os pés
naquelas pegadas e percebemos que elas
são bem maiores que nossos pés...
Descobrimos que há algo maior que a gente
e que este "algo maior" não nos esmaga, mas nos
convida a dançar neste deserto-absurda existência.
E então descobrimos que aquelas pegadas
não formavam um "caminho",
mas os passos de uma dança: a VIDA!
Viver? Descobrir-se só e perguntar-se:
será que estou mesmo sozinho?
Levantar os olhos e ver pessoas que
nos convidam para dançar e aceitar
o convite mesmo querendo dizer:
eu não sei dançar! Descobrir-se dançável...
dançando com o outro neste deserto:
a existência.

Franklin

